



ENTREVISTA COM LIGIA CHIAPPINI¹

“Trabalhar com literatura e ensino deve ser um esforço contínuo, que vale a pena, mesmo quando a pressão burocrática, que incentiva um carreirismo inócuo, pode causar desânimo e desistência, mesmo antes de começar.”

DIADORIM: A relação de um pesquisador com seu objeto nem sempre é pacífica. E na área de Letras, a literatura tem lugar complexo, uma vez que funcionalizar o objeto não dará conta da necessária investigação. Perguntamos então: por que estudar literatura?

LIGIA: Quando estudante, eu me perguntava muito isso, numa época de urgências políticas e de grande engajamento estudantil, e não me contentava com a resposta de alguns professores, que diziam que, se dava prazer, era útil. Ou de Osman Lins, que dizia ser revolucionário o simples ato de escrever dos escritores. Escrever seria resistir. Depois, fui descobrindo que, se tudo isso podia também ser verdadeiro, para mim o principal era que, junto com o prazer, vinha o conhecimento: um conhecimento que não passava só pelo intelecto, mas que envolvia coração, cabeça e estômago, para plagiar Camilo Castelo Branco. E que a linguagem literária, na sua riqueza e na sua capacidade de nos motivar à interpretação, acabava nos armando contra o uso manipulador da palavra pela mídia, pela propaganda, por políticos demagogos, e outras armadilhas, como podemos considerar muitos dos rótulos atuais do “Partido Judiciário” no Brasil, na Argentina e alhures... Estudar literatura ensina a resistir sim e ajuda a viver com mais plenitude e dignidade, enfrentando direitos e avessos da natureza e da cultura.

D: Retomando seu texto *Reinvenção da catedral*, encontramos nele grande proximidade com a realidade contemporânea e, por isso, atualizamos a questão: há arte literária na universidade?

L: A universidade é contraditória e talvez nesse texto eu não tenha levado isso suficientemente em consideração. Mas, pelo andar da carruagem, hoje em dia, muito daquela tendência para o empresariamento da universidade e o controle de qualidade, inspirado no modelo empresarial, só aumentou. É só ver a crise da USP sob a desastrosa gestão atual.

D: O perfil do aluno de Letras hoje traz como uma das marcas a ausência do enfrentamento do problema da formação de leitores na educação básica, em especial os literários. Há na uni-

¹ Universidade Livre de Berlim. E-mail para contato: lchiappi@zedat.fu-berlin.de.

versidade espaço/tempo para formar leitores cujo acesso à literatura foi subtraído ao longo da escolarização?

L: A formação para e pela literatura tem que partir dos profissionais que trabalham nas escolas. A universidade pode colaborar com programas de formação permanente, de formação e de autoformação, e com a produção de material alternativo, a ser pensado, formulado e testado com esses profissionais, procurando atender às necessidades específicas dos grupos de alunos com os quais eles têm contato direto. Mas, para isso, esse pessoal tem que ter tempo e estímulo para estudar, planejar, avaliar. E ordenado digno de sua função, que lhes permita inclusive comprar livros e cultivar sua própria vivência literária, com paixão e paciência. Sem isso, seus alunos não aprenderão a gostar de ler e, portanto, não aprenderão a usufruir, entender, interpretar... isso quanto ao ensino fundamental e médio. Na universidade, podemos sim motivar e aprofundar essa aprendizagem, mas é também necessário tempo e vontade, liberdade. Não será na eufemisticamente chamada escola livre que, na verdade, propõe uma escola vigiada, que será possível escolher o que ler livremente e dialogar com colegas e professores sobre os textos, sem ter medo da polícia disfarçada em sala de aula (como já ocorreu nos anos 60 e 70 e como agora pode ocorrer, presencial ou virtualmente).

D: Uma das grandes dificuldades do formado em Letras é lidar com os conhecimentos acadêmicos na sala de aula, onde são encontradas muitas variáveis dificultadoras da realização de uma prática reflexiva. Que relações podem ser estabelecidas entre os conhecimentos teóricos e o ensino de Literatura?

L: Não sei bem a que variáveis você se refere, mas a mim me parece que a variedade e a multiplicidade não dificultam, mas incentivam o ensino da literatura e a sua aprendizagem. O conhecimento teórico, dependendo do modo como for usado, pode também ter um papel positivo nisso. O que não devemos é transformar a teoria em dogma, e a leitura do texto literário em mera aplicação de conceitos e princípios retirados da teoria.

D: A luta entre a produção comercial e a legitimada pela academia tomou encaminhamentos que acabaram por dicotomizar as relações entre textos canônicos e não-canônicos. E essa dicotomia, associada à ausência de discussão de especialistas de Literatura nos debates sobre ensino, tem afastado a escola de um efetivo trabalho com o texto literário. Onde está a literatura? Como garantir o direito de acesso dos estudantes da escola básica a ela?

L: A receita, que é uma anti-receita mas funciona, é facilitar o acesso a tudo, ao canônico, ao não-canônico, ao comercial, à boa literatura e à literatura fraca, porque isso tem em qualquer gênero e em todo cânone, mesmo no best-seller e na literatura de autoajuda, entre outras. Com a experiência de textos os mais distintos, e um ambiente propício de debate sobre eles, vão se formando leitores mais exigentes, mais críticos e mais criativos.

D: Tem-se verificado uma espécie de recusa silenciosa, nos aparatos curriculares dos cursos de Letras, em problematizar o ensino de literatura infantil e juvenil – sob o pretexto de que os profissionais licenciados cumpririam o percurso inicial de sua docên-

cia já no segundo segmento do ensino fundamental. De que forma os elementos da narrativa para crianças e jovens leitores, ricamente expressos em palavras e imagens, poderiam contribuir de forma sólida para a formação dos licenciandos em Letras?

L: A resposta acima engloba esse tipo de literatura. Muitos desses livros são apreciados também por adultos, sobretudo quando têm qualidade literária: quem não gosta de ler *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque? Ou *A reforma da natureza*, de Monteiro Lobato? Só para citar dois exemplos bem distintos...

D: A presença maciça de obras didáticas e paradidáticas (manuais e coleções de língua, literatura e redação) nas escolas e o uso delas por parte do professor merecem atenção, num cenário de crescimento desse nicho no mercado de livros – cujo maior propulsor é o próprio governo federal. Que tipo de formação os licenciandos em Letras estão recebendo, a fim de que não se restrinjam apenas ao papel de meros intermediários entre o autor de livros didáticos e os seus alunos? Há saídas para essa problemática dos manuais na escola de ensino básico?

L: Eu sempre defendi e consegui conquistar um espaço na academia para trabalhar com literatura e ensino. Nessa linha, ministrei muitos cursos de graduação e pós, orientei várias teses, além de coordenar projetos de formação permanente de monitores e professores do ensino básico, sobretudo da escola pública. Muito me ajudou a ver aceito esse trabalho pelos meus colegas, a militância em associações docentes, como a APEOESP, a APLL e a ABL, entre outras. Fazendo esse trabalho, a gente se sentia construindo pontes permanentemente, entre os vários níveis de ensino. Isso deve ser um esforço contínuo, que vale a pena, mesmo quando a pressão burocrática, que incentiva um carreirismo inócuo, pode causar desânimo e desistência, mesmo antes de começar.